

### **3ª - FEIRA DA SEMANA SANTA: refeição com gosto de traição**

**“É aquele a quem eu der o pedaço de pão passado no molho” (Jo 13,26)**

O nosso hábito de fazer refeição também revela traços de nossa personalidade e de nossos comportamentos cotidianos. O nosso modo de estar à mesa revela nossas habituais atitudes no relacionamento com os outros. A **mesa** é também lugar de denúncia de nossos fechamentos, de nossas pressas, de nossas resistências ao diálogo, de nossos medos, de nossa dificuldade em acolher o diferente...

Infelizmente, outras **“mesas”** desalojaram a mesa da refeição e ocuparam o lugar sagrado da partilha, da comunhão. Por isso, em muitos lugares, a **mesa** esvaziou-se de sentido e passou a atender apenas a interesses mesquinhos, fazendo as pessoas conviverem tranquilamente com a perversa dinâmica da exclusão.

A **mesa** pode ser corrompida e tornar-se o lugar de rupturas e de frieza. A mesa que funciona como estrutura hierárquica, como posição social, se torna pobre, dissimulada, falsa e até artificial.

Há **mesas** para tudo; mesas solitárias, mesas da corrupção, do poder, da exploração, da traição..., tudo o que envolve interesses, seduções, vaidades...

A frieza acaba tomando conta das relações em torno à mesa; a ausência do verdadeiro encontro aumenta a distância entre seus participantes. Há uma verdadeira profanação da **mesa** quando ela é transformada em lugar de conchavos sujos, negociatas interesseiras, tramas maldosas.

Sabemos por experiência que nosso **corpo** a todo instante revela quem somos; certamente ele não deixaria de falar de nossa identidade também nos momentos da refeição.

Nesse lugar sagrado (junto à mesa), os **corpos** se expõem com muito mais naturalidade e transparência. Com sua linguagem não verbal, eles nos falam de posturas, atitudes, crenças, relações...

Vemos, também, **corpos** fechados para as relações com o outro: não olham, não escutam, não percebem o outro. Encurvados por sobre o prato de comida enxergam apenas a si mesmos e suas necessidades.

O **“outro”**, que plantou, cultivou, colheu e preparou tais alimentos, não é levado em consideração.

Seu olhar também não consegue alcançar, com gratidão, o esforço daqueles que fizeram os alimentos chegarem à sua mesa. Aquele que está ao seu lado, ou à sua frente, não lhe diz respeito, é um estranho.

A **mesa** testemunha, também, **corpos** machucados, feridos, tristes com sua dor, obesos em sua forma suicida de comer compulsivamente...; eles carregam as “marcas” da rejeição, da exploração, da violência e da competição..., vítimas daqueles que não valorizam a vida.

Aqui percebemos que o “tempero” de nossas refeições somos nós que damos.

Os nossos alimentos terão o sabor de nossos desejos e de nossas intenções, de nossa presença significativa.

Por isso é que algumas refeições têm gosto de sangue vivo, de ervas amargas, que são selados com a morte de outros (recordemos a última refeição de Jesus: a traição de Judas e a arrogância de Pedro).

**Banquete** onde se revelam os passos de um drama mortal: traição, medo, frieza, vingança...

A liturgia deste dia nos recorda que Jesus está celebrando a última refeição com os seus discípulos. Ele que transitara por muitas mesas e propôs a grande mesa da partilha (multiplicação dos pães) agora deseja celebrar a Páscoa judaica com os seus mais íntimos.

**Judas** também está presente na ceia pascal de Jesus com os discípulos. Ceia que o Mestre preparou com cuidado, sem que escapasse nenhum detalhe. É uma ceia para amigos onde Ele vai revelar sua entrega, totalmente; esse é o sentido da Eucaristia: “memória” de uma entrega.

Mas Judas só participa do ritual, está ausente; permanece aí só por uns instantes, pois tem coisas a fazer, e desaparece sem ter presenciado o que ali aconteceu. Outros assuntos exigem sua atenção.

Sentimos pena de Judas, porque é um homem decepcionado com o chamado de Jesus e sua própria vocação.

Está “amargo” e triste porque Jesus não correspondia às suas expectativas como Messias.

Judas não compreende o gratuito, ou seja, o que recebeu de Jesus, as possibilidades de ser apóstolo e sair de si mesmo, entregando-se, doando-se... e tudo quer justificar a partir de seu próprio ponto de vista.

Judas não sabe participar e desfrutar de uma agradável refeição em companhia dos outros, nem se preocupa em agradecer a Jesus pela admirável ceia. Judas caminha para a decepção, a solidão e a morte. Abandona o grupo, sai à noite para alimentar seu “ego inflado”, sofre a decepção frente seus “falsos” amigos, vê que sua vida já não tem saída nem sentido.

Será que Judas entendeu, de fato, o projeto de Jesus? Teria sido capaz de abrir mão de seus esquemas messiânicos para aceitar Jesus tal qual se apresentava? Estaria disposto a seguir um Messias pobre, manso, amigo dos excluídos e marginalizados, anunciador de um Reino incompatível com a violência e a injustiça?

Judas esperava tirar partido do Reino a ser instaurado por Jesus. Decepcionado e vendo frustrado o seu intento, não teve escrúpulo em traí-lo.

A verdade é que Judas está “vendido” a outros poderes; tem amigos fora da comunidade, mas não dentro; recebe promessas de fora, mas não se sente a gosto dentro; deixa-se levar por falsar informações, é manipulado, oportunista, egocentrado... Por isso age nas trevas da noite; é que as traições são levadas no coração. As traições não têm rosto, são levadas por dentro. Por isso mesmo, os traidores são tão difíceis de serem reconhecidos, de serem identificados: caminham como todos, comem como todos, bebem como todos. Os “judas” não têm rostos especiais, porque qualquer rosto lhes serve; têm cara de amigos, mas por dentro carregam um coração vendedor de vidas, de dignidades. É que o coração do traidor tem cara de inocente; o coração do traidor é especialista em conservar as aparências.

Com a **traição**, Judas passou da amizade para a decepção, para a desilusão, para a perda de vinculação até a entrega. Processo lento que foi minando o seu coração, até que ele se corrompeu, a ponto de renegar a amizade e trair.

Com a traição, o fim de Judas é a frustração, o auto-aniquilamento, o desespero e a morte na solidão.

Na contemplação da refeição deste dia, o convite é entrar nos **sentimentos** de Jesus.

Por uma parte, sente a presença daquele que lhe “vai entregar”. Sente o cinismo de quem compartilha a mesma refeição, quando seu coração já traiu o Mestre.

E Jesus conserva um respeitoso silêncio. Sente que seu coração está como que espremido, mas guarda silêncio. Sente que seu coração está dolorido pela frieza do traidor. Mas não o denuncia; até expressa um último gesto de amizade oferecendo-lhe um pedaço de pão passado no molho do seu próprio prato. Inclusive lhe facilita a saída sem que os demais percebam. Jesus o quer fazer sentir seu amor até o final, para lhe dar oportunidade de reagir. Mas, Judas, não foi capaz de acolher o último gesto de Jesus.

O coração do traidor é misterioso. Mas o coração de Jesus é igualmente misterioso: sabe e cala; sabe e protege o traidor até o final.

### **Texto bíblico: Jo 13,21-33.36-38**

**Na oração:** Contemple e se faça presente na última Ceia. Sinta um clima pesado. Jesus se comove profundamente. E não era para menos.

Escute Jesus que diz em voz alta o que todos estão sentindo: *“Filhinhos, por pouco tempo ainda estou convosco”*. Fala com ternura. Quer que suas últimas palavras e gestos fiquem gravados nos corações de todos nós.